

PALAVRA DO EDITOR

Este último número da *Revista do Gel* do ano de 2019 reúne treze artigos que trazem importantes contribuições para as áreas de Linguística e Letras, por apresentarem reflexões atuais sobre descrição linguística, aquisição de linguagem, canção e poesia, ensino e discurso.

Em “Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro”, Renato Miguel Basso e Ariane Teixeira apresentam uma análise sintático-semântica formal das interjeições, entendidas como indexicais com conteúdo uso-condicional. Para os autores, as interjeições recuperam informações contextuais kaplanianas e contribuem com um significado expressivo. Ao final de sua reflexão, os autores propõem uma classificação linguisticamente motivada das interjeições.

Gustavo Nishida, Ana Paula Pinheiro da Silveira e Ana Paula de Castro Sierakowski, no artigo “Reflexões preliminares sobre a canção no vestibular: o álbum *Tropicália* nas provas da UFRGS”, tomando o gênero canção como multimodal, discutem como o álbum *Tropicália* tem sido abordado em exames vestibulares da UFRGS, para verificar se as questões propostas consideram a integração de elementos musicais e verbais. Como proposta, no âmbito dessa reflexão, analisam as potencialidades significativas da canção “Enquanto seu lobo não vem”.

As autoras Ivani Cristina Brito Fernandes e Elisandra Aguirre da Cruz Schwarzbold também refletem sobre a canção em seu artigo intitulado “Afiml, quem são essas mulheres? Considerações enunciativas e discursivas na canção *Mulheres* durante seu processo de ressignificação”. Com base nos preceitos da Linguística da Enunciação, buscam identificar as mudanças das articulações linguísticas na canção brasileira *Mulheres*, no cotejo entre a letra original (do compositor Antonio Eustaquio Trindade Ribeiro) e sua respectiva versão (das cantoras Silvia Duffrayer e Doralyce). Para as autoras, ao ressignificar a canção, emerge outro sujeito discursivo que faz da enunciação um ato simbólico de protesto, de criação e de redefinição na sociedade brasileira, em que se pode ver um tempo e um espaço do feminismo.

Elis de Almeida Cardoso e Sandra Mina Takakura, no trabalho intitulado “*Palavra desordem*: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes”, analisam os jogos lexicais de Arnaldo Antunes em poemas publicados no livro *Palavra desordem* (2002). As autoras apontam para o modo como o poeta e músico trabalha a linguagem, para além de recursos verbais, levando a ressemantizações, à desagregação vocabular, à neologia, criando, assim, um estilo próprio.

No artigo intitulado “Sobre o que cantam os índios agora: uma análise semântico-enunciativa da canção *Koangagua*, do grupo Brô MC’s”, Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe e Angel Humberto Corbera Mori, analisam, do ponto de vista da Semântica da Enunciação, a canção *Koangagua*, do grupo de rap indígena Brô MC’s. Os autores buscam demonstrar, entre outros aspectos, o jogo linguístico que se estabelece entre as línguas, assumidos como órgãos políticos, no espaço enunciativo e as marcas linguísticas da presença do enunciador nesse espaço de enunciação.

Em “Notas sobre a relação lúdica da criança com a língua: a questão do recalque dos sons”, Glória Maria Monteiro de Carvalho, a partir de um estudo de caso, apresenta uma reflexão sobre os jogos sonoros de uma criança e a concepção de recalque do som (POMMIER, 2017). Para a autora, para a constituição do falante é de capital importância a relação lúdica da criança com os sons da língua, relação que se manifesta por meio de uma diversidade de jogos sonoros.

Elisangela Maria da Silva e Glória Maria Monteiro de Carvalho, em “Jogos languageiros na infância e o enlace poético”, partindo da hipótese de que a criança é atraída pelos jogos languageiros da função materna, trocando as possibilidades do gozo imediato do corpo pelas sonoridades da voz da mãe ou de quem exerce essa função, as autoras discutem as aproximações que se podem fazer entre a Aquisição de linguagem, a poesia e a Psicanálise, para pensar a fruição estética como estruturante do psiquismo da criança.

Em “A pedagogia crítico-complexa e a análise da situação-alvo: investigando preconceitos e privilégios na academia”, Bruna Gabriela Augusto Marçal Vieira apresenta as potencialidades dos fundamentos teórico-metodológicos da pedagogia crítico-complexa em estruturar, significar e facilitar a professores(as) de escrita acadêmica a investigação de contextos particulares de ensino, inclusive de questões abstratas, como “ideologia”. Os resultados do trabalho sugerem a existência de preconceitos e privilégios que podem interferir no processo de publicação acadêmica, o que evidencia a necessidade de se abordar ideologia e relações de poder para o desenvolvimento do letramento acadêmico de alunos(as), na medida em que, assim como questões epistemológicas, textuais e linguísticas, também regulam a produção e a circulação do conhecimento na academia.

Em “(Multi)letramentos na Escola: proposições da semiótica discursiva à ação didática”, Eliane Soares de Lima apresenta e discute algumas das contribuições que a Semiótica Discursiva pode oferecer para se enfrentar os problemas da leitura e da escrita na Educação Básica. Para isso, a autora apresenta duas análises modelares, buscando demonstrar possíveis caminhos de análise para se chegar à significação de um dado texto.

Naiá Sadi Câmara, em “Enunciação e práticas educativas digitais: um estudo da multiplataforma *Hora do ENEM*”, apresenta os resultados de um estudo acerca das modificações que as tecnologias de linguagens imprimem nas práticas educativas realizadas em espaços digitais, por meio da análise dos procedimentos enunciativos de instauração da relação sujeito e objetos de aprendizagens em plataformas educativas digitais. Segundo a autora, a transmidialidade, a mobilidade, as conexões em redes e a ubiquidade afetam a relação dos sujeitos com o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo em sua relação tempo/espaço, imprimindo uma autonomia relativa dos percursos de aprendizagens.

No trabalho intitulado “Jornal Nacional 50 anos: o diálogo com a revolução cultural e tecnológica”, Marilurdes Cruz Borges e Camila de Araújo Beraldo Ludovice analisam a evolução, a transformação e a ressignificação do Jornal Nacional ao longo de seus 50 anos no ar. Com base nos conceitos de dialogia e ato responsável, numa relação cronotópica, as autoras mostram que o Jornal Nacional reflete e refrata a revolução cultural e tecnológica por meio do diálogo com seus interlocutores e participa ativa e responsivamente de cada momento histórico e cultural da sociedade brasileira.

Luiza Monteiro de Barros Oliveira e Lucia Teixeira, em “Ressignificar o espaço: estratégias discursivas na cultura afro-americana contemporânea”, avançam sobre o problema da aspectualização do espaço, fenômeno ainda pouco estudado que pode ser de grande valia ao analista que busca compreender a construção de sentido em textos audiovisuais. As autoras buscam mostrar de que modo a aspectualização espacial funciona em duas obras audiovisuais contemporâneas que compartilham semelhança temática ao tratar da questão racial nos EUA: os videoclipes de “Apes**t”, de The Carters e “This is America”, de Childish Gambino.

Por fim, em “Discursos, mídias, práticas e regimes de crença”, Jacques Fontanille reúne as reflexões sobre as práticas, as formas de vida e a cultura, que têm apresentado em sua obra, buscando mostrar de que modo as mídias exploram todos os planos de imanência. Para o autor, mesmo que se parta do “texto” midiático, tomado como unidade de sentido, não se pode ignorar os objetos e as tecnologias que o suportam, as práticas de recepção que o determinam, as estratégias de publicação e de edição, e até os valores e identidades de marca que o subsumem. Nesse seu trabalho, demonstra que a instância de discurso e de enunciação, por construir as semioses midiáticas, adota os “regimes de crença” que condicionam a implementação da veridicção textual, que são, em geral, incluídos nas determinações de gênero e de tipo semiótico, e que apresentam pelo menos duas grandes dificuldades a serem enfrentadas: a quantidade de tipos semióticos encontrados nas mídias e a aparição de regimes de crença transversais e globalizados que não se fixam mais a um gênero ou a um tipo.

O leitor poderá perceber que os trabalhos aqui reunidos são exemplos significativos da importância de se pensar língua e linguagem como objetos genuinamente humanos, e, por isso, políticos, na medida em que se organizam como experiência de vida e de identidade, de arte e de comunicação, de construção do saber e de memória.

Como sempre, devemos destacar o apoio da Diretoria do GEL (2019-2021), da Letraria e de todos os colaboradores, autores e pareceristas, cujos ânimo e resistência têm dado continuidade a este projeto científico. Muito obrigado.

Matheus Nogueira Schwartzmann
Editor da *Revista do GEL*

Assis (SP), Dezembro de 2019.